

O QUE NÃO SE MEDE,

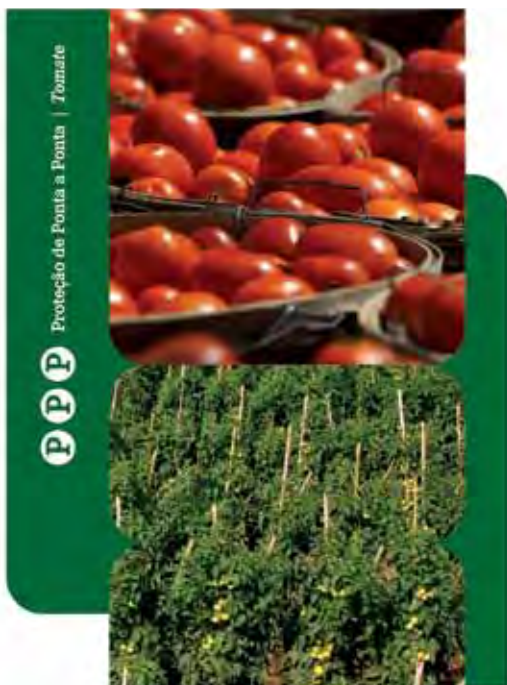
Hortifruti Brasil resalta a importância da apuração do custo

Em mais uma edição *Especial Tomate*, a **Hortifruti Brasil** resalta a importância de o produtor apurar seu custo corretamente e o estimula a usar essa informação no planejamento do dia-a-dia da sua propriedade, como forma de contribuir para a longevidade do negócio hortifrutícola. Nesta edição, ampliamos o estudo da gestão sustentável na tomaticultura apresentando o custo inicial e o investimento para implantar uma produção de tomate de mesa sob o sistema envarado.

Os estudos passam também a abranger mais uma região: Caçador (SC), importante produtora no verão, com

tro anos para o *Especial Tomate*, na safra de inverno deste ano, devem ser cultivadas cerca de 9,5 milhões de plantas. Ao contrário de Caçador, o perfil de propriedade avaliado na região paulista é de uma estrutura média, com 165 mil plantas/ano. Apesar da opção de se avaliar o médio produtor, mais representativo nesta região, em Mogi Guaçu há também produtores com perfis de pequena e grande escala de produção.

Com os dados obtidos, observa-se que a escala de produção influencia na otimização dos custos de produção. Ainda que Caçador e Mogi Guaçu colham em épo-



Dow AgroSciences: Pro

Curathane[®]
SC

Dithane[®]
NT

Vem aí...
NOVA
MOLECULA

Sabre[®]

A Dow AgroSciences é uma das mais importantes empresas mundiais

Dentre os diversos segmentos de atuação, tem destaque sua linha de a lavoura por todo o ciclo vegetativo, contra doenças fúngicas e pragas,

Conheça a linha que protege sua produção de ponta a ponta!

| • | - Marcas Registradas de Dow AgroSciences | Platinum Neo - Marca registrada de Syngenta Proteção de Cultivos | Efect - Marca

cerca de 13 milhões de plantas cultivadas na última temporada (2011/12). Para essa região, foram apurados o investimento e o custo de produção de dois perfis típicos de propriedade: pequena escala, com 10 a 50 mil plantas/ano, e grande escala, com produção de 300 mil plantas/ano. A média escala de produção não é comum nesta região; a pequena e a grande representam, cada uma, metade da produção.

Na região de Mogi Guaçu (SP), acompanhada há qua-

cas distintas, é possível comparar suas estruturas de custo. Conforme apresentado nas próximas páginas, propriedades de pequena escala (1 a 2 hectares), especialmente aquelas dedicadas somente à produção de tomate, são menos competitivas que as médias e grandes. A razão é que os custos fixos oneram mais as propriedades de 1 a 2 hectares do que aquelas de 15 (média escala de produção) e de 27 hectares (grande escala de produção).

NÃO SE GERENCIA

de produção para uma melhor gestão na tomaticultura

QUAL O INVESTIMENTO PARA A CULTURA DO TOMATE?

Quanto maior a área, maior o aporte financeiro para se implantar o tomate de mesa sob o sistema envarado. Independente do tamanho, o produtor deve estar ciente de que, na cultura de tomate, além de o custo médio de produção ser elevado, o de implantação da cultura também é significativo e deve ser considerado em uma análise de viabilidade econômica.

Quando se avalia o investimento na cultura do tomate sob o sistema envarado, deve-se levar em conta a estrutura de estaqueamento, benfeitorias, maquinário e implementos. ✔

dados são apresentados por grupo de escala de produção e desagregados por categoria de investimento.

Apesar de a terra não ter sido levada em conta no cálculo inicial do investimento, ela é um item importante na estrutura do cálculo. O produtor pode optar pelo uso de terra própria ou arrendada. Como essa tomada de decisão varia de produtor a produtor, não foi considerado valor referente a esse item na estimativa do cálculo do investimento inicial apresentada na página 12. ✔

teção de Ponta a Ponta



Tairel M

Platinum NEO



de ciência e tecnologia para o agronegócio.

proteção para a cultura do Tomate. São diversos produtos protegendo que comprometem esta cultura de alto valor agregado.

registrada de Oxiquímicos Agrociência | Tairel M – Marca registrada de FMC Agricultural Products.



www.dowagro.com.br | 0800 772 2492

De todos os itens, só o estaqueamento é dedicado exclusivamente à cultura do tomate; os demais – benfeitorias, máquinas e implementos – podem ter seu uso rateado com outras atividades agrícolas na propriedade, ajudando a diluir os custos fixos. No entanto, na análise do investimento aqui apresentada, optou-se por considerar que todas as benfeitorias, maquinário e implementos são usados exclusivamente para a cultura do tomate. Esse modelo de cálculo está descrito na página 12. Os

Mesmo não se considerando a terra, observa-se que o valor do investimento na cultura é elevado, especialmente quando se analisa o montante necessário por hectare de pequena escala de produção, já que é necessário o uso de um número mínimo de máquinas e implementos para a implementação e manejo da cultura. Para que o custo do pequeno produtor se aproxime do custo do médio ou do grande, é preciso que maximize o uso das benfeitorias, máquinas e implementos com

outras atividades (veja exemplo na página 14). Caso as utilize somente para a cultura do tomate, tais investimentos são inviáveis para uma área de 1 a 2 hectares.

Já um plantio acima de 15 hectares otimiza o uso exclusivo desse capital fixo na produção de tomate, como pode ser observado nos casos de média e grande escalas. A diferença entre essas duas escalas de produção se dá principalmente pela máquina de classificação, mais utilizada por grandes produtores. Apesar do maior investimento, já que uma máquina de classificação pode custar R\$ 100.000,00, a produção em escala elevada justifica esse investimento por conta da redução da mão de obra, principalmente.

Todos os bens comprados/construídos/formados em uma propriedade (descritos na página 12) são investimentos e a recuperação do montante aplicado ocorre somente no longo prazo, de acordo com a vida útil do bem. Uma casa de funcionário tem vida útil que pode ir de 20 a 50 anos, enquanto um trator pode durar de 10 a 15 anos. À medida que o bem é utilizado na cultura do tomate, ele deve gerar receita suficien-

te para recuperar o capital investido nele mesmo.

Assim, é muito importante que o produtor separe o grupo “investimento” do grupo “gastos”. Gastos são obrigações que o produtor tem ao longo de uma safra, como o pagamento de mão de obra, fertilizantes e sementes, por exemplo. O Custo Operacional descrito nas planilhas das páginas 15, 17 e 19 referem-se aos gastos/obrigações do produtor para uma safra.

O montante necessário para a recuperação do patrimônio ao longo da sua vida útil acrescido de um custo de oportunidade do capital investido é o que o Cepea chama de Custo Anual de Recuperação do Patrimônio (CARP). Ao se proceder ao seu cálculo, é importante que seja separado o que é despesa do que é bem/patrimônio na contabilidade da fazenda. O CARP é calculado somente para os bens/patrimônio da propriedade. O cálculo do CARP apresentado nas páginas 15, 17 e 19 foi baseado no investimento inicial descrito na tabela abaixo. Observe que, para a pequena escala, foi retirado do cálculo do CARP o percentual do patrimônio que é destinado a outras atividades da propriedade – que não o tomate.

QUANTO CUSTA INVESTIR NA CULTURA DE TOMATE?

	PEQUENA ESCALA	MÉDIA ESCALA	GRANDE ESCALA
PERFIL			
Localização	Caçador	Mogi Guaçu	Caçador
Área média (ha)	1,25 hectares	15 hectares	27,27 hectares
Número de pés (total)	15 mil pés/safra	165 mil pés/safra	300 mil pés/safra
Adensamento	12.000 plantas/ha	11.000 plantas/ha	11.000 plantas/ha
Terreno ^(a)	Terra própria	Área arrendada	Área arrendada
ESTRUTURA DE FORMAÇÃO			
Estaqueamento	R\$ 4.166,91	R\$ 90.070,00	R\$ 62.290,91
BENFEITORIAS^(b)			
Galpão de máquina e uso geral	R\$ 20.000,00	R\$ 8.000,00	R\$ 130.000,00
Casa para funcionário	R\$ 61.000,00	-	R\$ 40.000,00
Banheiro	-	R\$ 2.000,00	R\$ 4.800,00
Galpão de beneficiamento	-	-	R\$ 120.000,00
Refeitório	-	R\$ 4.000,00	-
MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS^(b)			
Irrigação (motobomba+canos e outros)	R\$ 13.740,00	R\$ 100.000,00	R\$ 211.864,00
Tratores	R\$ 100.000,00	R\$ 250.000,00	R\$ 455.000,00
Implementos	R\$ 62.000,00	R\$ 108.800,00	R\$ 116.600,00
Utilitários	R\$ 145.000,00	R\$ 92.000,00	R\$ 246.000,00
Máquina de classificação	-	-	R\$ 100.000,00
OUTROS			
Caixas plásticas	R\$ 6.000,00	R\$ 22.000,00	R\$ 70.000,00
Ferramentas ^(c)	R\$ 500,00	-	R\$ 8.181,81
TOTAL	R\$ 412.406,91	R\$ 676.870,00	R\$ 1.564.736,72
CUSTO POR HECTARE	R\$ 329.925,53	R\$ 45.124,67	R\$ 57.379,42

Todos os itens apurados no investimento foram considerados valor novo de aquisição.

(a) No cálculo do investimento inicial, não foi computado o valor da terra pois há situações onde o produtor arrenda.

(b) Benfeitorias/Máquinas e Implementos não foram rateados/utilizados para outras culturas. Foi considerado 100% do uso para o tomate.

(c) Produtores de Mogi Guaçu apontaram as ferramentas de campo como Custo Operacional, pois declararam que a vida útil não ultrapassa uma safra.

O QUE DEIXA O TOMATE MAIS ALEGRE ?

As pesquisas demonstram que, com estímulos certos, as hortaliças respondem com mais cor e sabor. Este é o trabalho da Stoller: ajudar as plantas a lidar com o estresse e expressar todo o seu potencial genético, produzindo mais. Descubra como ativar o poder das suas plantas: acrescente Stoller.



Stoller

ATIVANDO O PODER DAS PLANTAS

Em 56 países, com 38 anos de Brasil.
Mais pesquisas, tecnologias e resultados.
Informações e produtividade para o campo.

www.stoller.com.br



CUSTO DE PRODUÇÃO EM CAÇADOR (SC): PROPRIEDADE DE PEQUENA ESCALA

Em todas as regiões pesquisadas, a captação dos custos de produção foi feita por meio de Painel – reunião com produtores e técnicos locais que informam, em consenso, detalhes das estruturas típicas da região. Em Caçador (SC), o Painel foi realizado no dia 09 de novembro de 2011, quando a Equipe Tomate/Cepea se reuniu com produtores de pequena escala. O custo de produção apurado refere-se à safra 2010/11, cuja colheita teve início em dezembro de 2010 e finalizou em abril/2011.

O típico produtor de pequena escala nessa região cultiva em terra própria; além do tomate, planta também pimentão, uva, pêsego, milho e outras culturas. A área total da propriedade típica é 36,3 hectares em média, sendo 80% dessa área apta para plantio, levando-se em conta que 20% são ocupados com reserva legal. Assim, a cultura do tomate ocupa em média 3,45% da área total. Como o produtor não paga arrendamento, estimou-se um custo de

oportunidade de uso da terra de R\$ 1.200,00/ha, valor que é despendido por grandes produtores locais que arrendaram para o cultivo de tomate na safra 2010/11.

A infraestrutura é composta por um barracão de madeira fixo na propriedade, com vida útil de 20 anos, a um custo de aquisição de R\$ 20.000,00, com taxa anual de 10% de manutenção e 50% de valor residual. Há também uma casa, no valor de R\$ 61.000,00, vida útil de 40 anos, 20% de valor residual e taxa de manutenção de 40%. Para a colheita de 1,25 hectare, foram necessárias 400 caixas, que tiveram custo unitário de R\$ 15,00; sua taxa média de reposição é de 5% ao ano.

Os bens dessa propriedade de pequena escala não são utilizados somente para a cultura de tomate. Assim, para o cálculo da depreciação (CARP), optou-se por ratear o valor de aquisição dos bens entre as diversas culturas que os utilizam. O percentual de uso para o tomate foi estimado pelos participantes do Painel para cada bem descrito a seguir.

PERFIL DA PROPRIEDADE TÍPICA DE PEQUENA ESCALA DE PRODUÇÃO EM CAÇADOR - SAFRA DE VERÃO 2010/11

Área	1,25 hectare
Densidade	12 mil pés por hectare
Produtividade em 2010/11	3.120 caixas por hectare
Obtenção da terra	Própria
Estrutura básica (fixa)	1 barracão para uso geral e uma casa para o funcionário
Estrutura para o estaqueamento	Estruturas de mourão, bambu, arame e fitilho
Sistema de Irrigação	Sulco

Descrição das máquinas, implementos e ferramentas	% utilizada na tomaticultura*
1 trator de 20 cavalos 4 x 2	20%
1 trator de 75 cavalos 4 x 2	30%
1 grade de 14 discos e 28 polegadas	50%
1 subsolador de 5 hastes	20%
1 sulcador de 2 linhas	100%
1 carreta de 5 toneladas e quatro rodas	20%
1 distribuidor de calcário de arrasto de 1500 kg	50%
1 pulverizador de 400 litros (conjunto completo)	40%
1 utilitário	30%
1 caminhão	30%
Ferramentas	100%

* O cálculo da depreciação (CARP) dos bens foi ponderado pelo quanto são usados para o tomate; partiu-se do valor de aquisição.

**CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE TOMATE NA REGIÃO DE CAÇADOR (SC)
SAFRA DE VERÃO 2010/11 - PEQUENA ESCALA DE PRODUÇÃO**

Itens	Custo/ha (R\$/ha)	Custo/pé (R\$/pé)	% CO	% CT
(A) Insumos	R\$ 10.975,50	R\$ 0,91	23,09%	19,66%
Fertilizante e Corretivo	R\$ 6.692,20	R\$ 0,56	14,08%	11,99%
Adubação Foliar	R\$ 180,00	R\$ 0,02	0,38%	0,32%
Fungicida/Bactericida	R\$ 2.628,40	R\$ 0,22	5,53%	4,71%
Inseticida	R\$ 974,40	R\$ 0,08	2,05%	1,75%
Herbicida	R\$ 140,00	R\$ 0,01	0,29%	0,25%
Adjuvante/Outros	R\$ 360,50	R\$ 0,03	0,76%	0,65%
(B) Semente	R\$ 3.750,00	R\$ 0,31	7,89%	6,72%
(C) Viveirista	R\$ 780,00	R\$ 0,07	1,64%	1,40%
(D) Replanteio	R\$ 317,10	R\$ 0,03	0,67%	0,57%
(E) Infraestrutura (reposição/manutenção)	R\$ 2.571,14	R\$ 0,21	5,41%	4,60%
(F) Operações Mecânicas	R\$ 2.529,07	R\$ 0,21	5,32%	4,53%
(G) Irrigação	R\$ 768,00	R\$ 0,06	1,62%	1,38%
(H) Mão de obra	R\$ 14.715,52	R\$ 1,23	30,95%	26,36%
Permanente	R\$ 13.115,52	R\$ 1,09	27,59%	23,49%
Diaristas	R\$ 1.600,00	R\$ 0,13	3,37%	2,87%
(I) Despesa com utilitários	R\$ 1.338,00	R\$ 0,11	2,81%	2,40%
(J) Despesas gerais	R\$ 7.730,00	R\$ 0,64	16,26%	13,84%
(K) Financiamento do Capital de Giro	R\$ 2.065,99	R\$ 0,17	4,35%	3,70%
(L) Custo Operacional (L=A+B+C+...+K)	R\$ 47.540,32	R\$ 3,96	100,00%	85,14%
(M) CARP	R\$ 7.094,98	R\$ 0,59		12,71%
Implantação	R\$ 174,03	R\$ 0,01		0,31%
Máquina	R\$ 1.013,20	R\$ 0,08		1,81%
Utilitários	R\$ 1.958,85	R\$ 0,16		3,51%
Implementos	R\$ 2.264,46	R\$ 0,19		4,06%
Equipamentos (Irrigação)	R\$ 925,02	R\$ 0,08		1,66%
Benfeitoria	R\$ 682,19	R\$ 0,06		1,22%
Ferramentas	R\$ 77,23	R\$ 0,01		0,14%
(N) Custo de Oportunidade da Terra	R\$ 1.200,00	R\$ 0,10		2,15%
(O) CUSTO TOTAL (L+M+N)	55.835,30	R\$ 4,65		100,00%

Custo Total (3.120 cxs/ha) - R\$ 17,90/cx de 23 kg

ALÉM DOS CUSTOS FIXOS, MÃO DE OBRA ONERA A PRODUÇÃO PARA O PEQUENO PRODUTOR DE CAÇADOR

Do Custo Total por hectare cultivado na safra de verão 2010/11 em Caçador, metade refere-se aos gastos com insumos, sementes e mão de obra para a pequena escala. Entre os insumos, que representam 26% do Custo Total (CT), os fertilizantes e corretivos respondem por quase metade desses dispêndios, representando, somente esses dois itens, 12,7% do Custo Total de produção. Na sequência, vêm os defensivos, que representam 7,35% dos Custos Totais, e as sementes, com 6,72%. Essas participações dos insumos são semelhantes às apuradas em outras regiões produtoras de tomate pesquisadas pelo Cepea.

A tomaticultura envarada ou estaqueada tem demanda intensiva por mão de obra devido à impossibilidade de se substituir as principais atividades manuais por mecanização. Assim, esse é um dos principais componentes que oneram a cultura, independente da escala e da região. No caso do pequeno produtor de Caçador, há necessidade de se ter três funcionários fixos durante o ciclo de desenvolvimento da cultura, que dura aproximadamente seis meses. Essas contratações representam a maior parte dos gastos com mão de obra que, em seu conjunto, responde por 23% do Custo Total. Durante o período da colheita, há necessidade de se contratar mais dois diaristas pelo período de 20 dias (40 diárias a R\$ 20,00/dia), o que vem a representar 2,8% do Custo Total.

Os gastos com utilitários são outro item importante na planilha do pequeno produtor. Neste caso, considerou-se o gasto com combustível e manutenção de um caminhão e da pick-up de pequeno porte (já rateados pelo tempo de uso para a cultura do tomate). Se agregarmos neste cálculo os impostos (IPVA+Seguro Obrigatório) com os dois veículos, essa conta sobe para 3,81% dos Custos Totais da tomaticultura. Se a área fosse maior, os custos com manutenção e impostos teriam um maior rateio, sendo reduzido o gasto por hectare.

As despesas gerais representam o terceiro item de maior peso no custo: 13,84% em média do Custo Total. A maior parte das despesas gerais é composta pelos gastos com o *pró-labore* e os seguros da lavoura de tomate - importante para a região,

que frequentemente tem problemas com chuva de granizo. É fundamental contabilizar um *pró-labore* para o proprietário do negócio, já que ele se dedica exclusivamente à atividade agrícola. Não há um valor pré-definido de quanto deve ser essa retirada do produtor. O consenso entre os participantes do Painel foi de R\$ 800,00 por mês para a área toda de tomate (1,25 hectare), por um período de seis meses.

Outro gasto importante que os produtores muitas vezes não apuram é o custo do capital de giro. Mesmo aqueles que não captam financiamento de custeio em bancos ou revendas, utilizando-se apenas de recursos próprios, devem contabilizar o custo de oportunidade desse dinheiro. Considerando-se uma parcela captada junto a revendas, outra do sistema público bancário e ainda uma parte proveniente de capital próprio, o capital de giro representou 3,7% do Custo Total.

A depreciação, representada neste estudo pelo CARP, é o terceiro componente de maior importância no CT, representando 12,71% do total. Esse percentual é elevado por conta do alto valor dos bens, especialmente maquinários, frente à área cultivada, mesmo fazendo-se o rateio da depreciação de máquinas, equipamentos, implementos e benfeitorias entre as culturas cultivadas.

Distribuição dos principais itens que compõem o Custo Total de Produção da pequena escala de produção (%) de Caçador - safra de verão 2010/11



Surpreendentes

Híbridos de altíssima performance na sua plantação



Sotero

Tomate Híbrido F1

Lançamento

Colossus

Tomate Híbrido F1

Lançamento



 **FELTRIN**[®]
SEMENTES

Uma
empresa
voltada para o
futuro 

www.sementesfeltrin.com.br
(54) 2109.4400

CUSTO DE PRODUÇÃO EM CAÇADOR (SC): PROPRIEDADE DE GRANDE ESCALA

A apuração do custo de produção de tomate em grande escala em Caçador foi feita em Paineis que contou com a participação dos grandes produtores da região no dia 10 de novembro de 2011. O consenso entre os participantes é de que a propriedade típica de grande escala apresenta 300 mil pés de tomate/ano, na área de 27,27 hectares, considerando-se o espaçamento típico de 11 mil plantas por hectare (módulo típico para essa estrutura). A mão de obra é representada por funcionários contratados permanentes. Neste grupo, está incluído também o meeiro, que normalmente é registrado pelo produtor por um período médio de seis meses, recebendo um salário e comissão de cerca de R\$ 1,10/cx colhida.

O produtor desse grupo não tem área própria, é arrendatário, e normalmente possui somente uma atividade agrícola: a tomaticultura. O valor do arrendamento na safra 2010/11 foi na média R\$ 1.200,00 por hectare. O calendário de colheita foi o mesmo da pequena escala da região: de dezembro de 2010 a abril de 2011.

A infraestrutura é composta por dois barracões de ma-

deira, com vida útil de 20 anos, a um custo de aquisição de R\$ 65.000,00 cada, com taxa anual de 1% de manutenção e 20% de valor residual. Há também duas casas, no valor de R\$ 20.000,00 cada vida útil de 20 anos, 20% de valor residual e taxa de manutenção de 1% ao ano. Há também oito banheiros no valor de R\$ 600,00 cada com vida útil de 10 anos e 2% de taxa de manutenção anual, sem valor residual. A propriedade dispõe ainda de um barracão de classificação do tomate no valor de R\$ 120.000,00, com vida útil de 20 anos, 1% de taxa de manutenção ao ano e 20% de valor residual.

Para a colheita dos 27,27 hectares, foram necessárias cerca de 5.000 caixas. O custo unitário da caixa foi de R\$ 14,00, com taxa média de reposição de 1% ao ano. Para classificação, há uma máquina no valor de R\$ 100.000,00, com vida útil de 15 anos, taxa de manutenção de 3% ao ano e 5% de valor residual.

Ao contrário do apurado na pequena escala, o cálculo da depreciação do maquinário, implementos, benfeitorias não teve rateio, sendo todo ele atribuído à tomaticultura.

PERFIL DA PROPRIEDADE TÍPICA DE GRANDE ESCALA EM CAÇADOR - SAFRA DE VERÃO 2010/11

Área	27,27 hectares
Densidade	11 mil pés por hectare
Produtividade em 2010/11	3.520 caixas por hectare
Obtenção da terra	Arrendada
Estrutura básica (fixa)	2 barracões para uso geral, duas casas para funcionários, oito banheiros e um barracão de classificação.
Estrutura para o estaqueamento	Estruturas de mourão, bambu, arame e fitilho
Sistema de Irrigação	Sulco

Descrição das máquinas, implementos e ferramentas*

- 3 tratores de 25 cavalos 4 x 2
- 2 tratores de 75 cavalos 4 x 2
- 1 trator de 60 cavalos 4 x 2
- 1 trator de 100 cavalos 4 x 4
- 1 grade de 16 discos e 28 polegadas
- 1 grade niveladora de 1 metro
- 1 subsolador de 7 hastes
- 1 sulcador de 2 linhas
- 4 carretas de 6 toneladas e quatro rodas
- 1 distribuidor de calcário de arrasto de 5.000 kg
- 3 pulverizadores de 400 litros (conjunto completo)
- 1 caminhão
- 1 ônibus
- 2 motos
- Ferramentas

*Alocados exclusivamente para a cultura do tomate

CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE TOMATE NA REGIÃO DE CAÇADOR (SC) SAFRA DE VERÃO 2010/11 - GRANDE ESCALA DE PRODUÇÃO

Itens	Custo/ha (R\$/ha)	Custo/pé (R\$/pé)	% CO	% CT
(A) Insumos	R\$ 12.336,30	R\$ 1,12	26,59%	23,92%
Fertilizante e Corretivo	R\$ 7.615,00	R\$ 0,69	16,41%	14,76%
Adubação Foliar	R\$ 90,00	R\$ 0,01	0,19%	0,17%
Fungicida/Bactericida	R\$ 3.156,40	R\$ 0,29	6,80%	6,12%
Inseticida	R\$ 974,40	R\$ 0,09	2,10%	1,89%
Herbicida	R\$ 140,00	R\$ 0,01	0,30%	0,27%
Adjuvante/Outros	R\$ 360,50	R\$ 0,03	0,78%	0,70%
(B) Semente	R\$ 2.640,00	R\$ 0,24	5,69%	5,12%
(C) Viveirista	R\$ 514,80	R\$ 0,05	1,11%	1,00%
(D) Replântio	R\$ 315,48	R\$ 0,03	0,68%	0,61%
(E) Infraestrutura (reposição/manutenção)	R\$ 1.959,61	R\$ 0,18	4,22%	3,80%
(F) Operações Mecânicas	R\$ 1.717,19	R\$ 0,16	3,70%	3,33%
(G) Irrigação	R\$ 440,00	R\$ 0,04	0,95%	0,85%
(H) Mão de obra	R\$ 16.960,00	R\$ 1,54	36,55%	32,88%
Meeiros (temporários)	R\$ 14.672,00	R\$ 1,33	31,62%	28,44%
Fixos	R\$ 1.760,00	R\$ 0,16	3,79%	3,41%
Tratoristas	R\$ 528,00	R\$ 0,05	1,14%	1,02%
(I) Despesa com utilitários	R\$ 563,75	R\$ 0,05	1,21%	1,09%
(J) Despesas gerais	R\$ 5.804,34	R\$ 0,53	12,51%	11,25%
(K) Arrendamento da terra	R\$ 1.200,00	R\$ 0,11	2,59%	2,33%
(L) Financiamento do Capital de Giro	R\$ 1.948,02	R\$ 0,18	4,20%	3,78%
(M) Custo Operacional (M=A+B+C+...+L)	R\$ 46.399,49	R\$ 4,22	100,00%	89,95%
(N) CARP	R\$ 5.182,19	R\$ 0,47		10,05%
Implantação	R\$ 94,96	R\$ 0,01		0,18%
Máquina	R\$ 1.702,74	R\$ 0,15		3,30%
Utilitários	R\$ 501,53	R\$ 0,05		0,97%
Implementos	R\$ 972,42	R\$ 0,09		1,89%
Equipamentos (Irrigação)	R\$ 1.418,35	R\$ 0,13		2,75%
Benfeitoria	R\$ 425,75	R\$ 0,04		0,83%
Ferramentas	R\$ 66,44	R\$ 0,01		0,13%
(O) CUSTO TOTAL (M+N)	51.581,68	R\$ 4,69		100,00%

Custo Total (3.520 cxs/ha) - R\$ 14,65/cx de 23 kg

O MAIOR DESEMBOLSO DA GRANDE ESCALA DE CAÇADOR É COM OS MEEIROS

Os principais componentes do custo da tomaticultura de grande escala em Caçador são os insumos, sementes e mão de obra. Porém, para a grande escala de produção, o peso desses itens somados é maior: cerca de 70% do Custo Operacional (CO) e 62% do Custo Total (CT).

Também nesta escala de produção, entre os insumos, fertilizantes e corretivos representam metade dos gastos desse grupo e 14,8% do Custo Total. Os defensivos representam 9,2% do Custo Total e, as sementes, 5,1%.

A contratação da mão de obra feita pelos grandes produtores difere um pouco da demandada pelos pequenos na região de Caçador. Não há diaristas e todos os funcionários são registrados. O maior desembolso é com os meeiros, funcionários contratados por seis meses, durante o ciclo da cultura do tomate. Além do salário, estimado na média de R\$ 900,00 por mês, eles recebem bônus de R\$ 1,10/cx colhida. Os meeiros são divididos por área, e o bônus para cada grupo se dá em função da produtividade da área pela qual ficaram responsáveis. Em média, são contratados dois meeiros por hectare, o que resulta em aproximadamente 55 funcionários para a área total da fazenda de 27,27 hectares. Além dos meeiros ainda são contratados dois tratoristas com salário de R\$ 1.200,00 mensais (incluindo todas as despesas trabalhistas), pelo período de seis meses. Há ainda dois funcionários permanentes na propriedade que não são demitidos ao final do ciclo da cultura. O gasto com cada um desses funcionários é de R\$ 1.000,00 por mês, já incluindo os encargos trabalhistas.

Retomando-se as similaridades com a pequena escala, a maior parte das despesas gerais na grande escala também decorre de gastos com o *pró-labore* e o seguro da lavoura. No caso da grande escala, apesar de o *pró-labore* por hectare ser menor que na pequena escala, a retirada total mensal do produtor é bem maior, pois há uma área bastante maior para o rateio desse valor. O consenso entre os produtores de grande escala foi de uma retirada mensal de R\$ 7.000,00. Apesar de a grande escala de produção ter mais veículos e pagar seguro dos utilitários (os pequenos o dispensam), os custos com os utilitários por hectare foi menor para esse grupo por

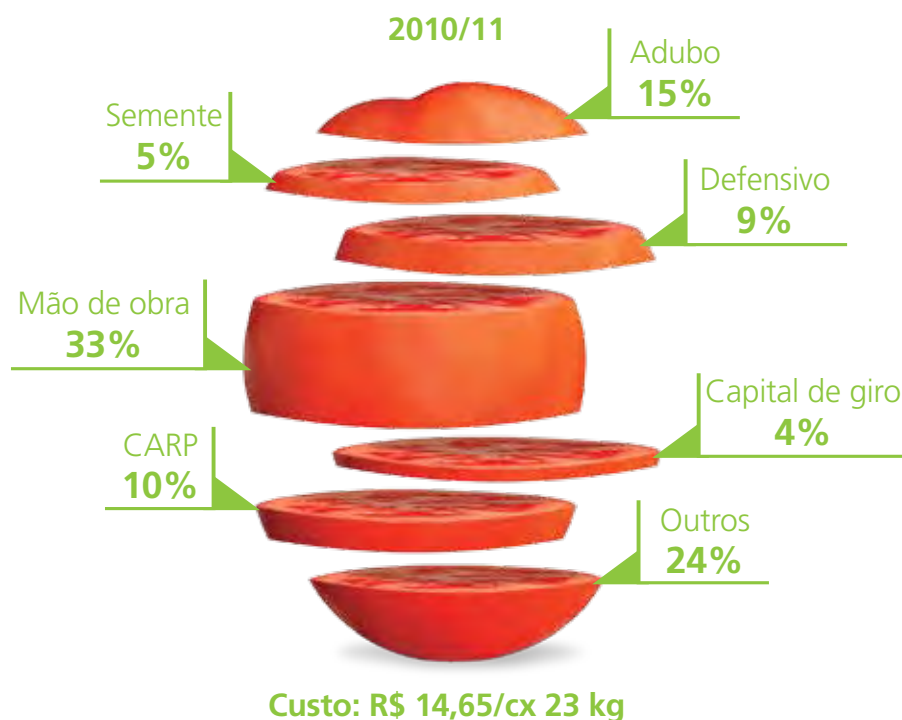
conta da maior área cultivada.

Quanto ao custo do capital de giro, o valor por hectare foi semelhante ao verificado na pequena escala. Apesar disso, o produtor de grande escala é menos dependente de fontes externas de financiamento. Mais da metade do seu capital de giro é custeado com dinheiro próprio, inclusive para adquirir os fertilizantes. O restante é captado igualmente entre revendas e custeio do governo. Levando-se em conta essa três fontes, o custo do capital de giro representou 3,8% do Custo Total.

As despesas gerais são o terceiro item de maior representatividade na planilha, mas têm menor peso frente à pequena escala, representando 11,25% dos Custos Totais. O seguro da lavoura de tomate e o *pró-labore* do produtor são os gastos mais representativos para o cálculo das despesas gerais.

O CARP da grande escala, embora menor que o da pequena, foi elevado, representando 10% do Custo Total. Apesar de haver mais itens no inventário da propriedade de grande escala, a maior área cultivada com tomate dilui melhor os custos fixos (despesas com depreciações). As depreciações (o CARP) são também para esse grupo o quarto item do Custo Total, porém, representam menos que na planilha da pequena escala (12,7%), limitando-se a 10% do Custo Total.

Distribuição dos principais itens que compõem o Custo Total de Produção da grande escala de produção (%) de Caçador (SC) - safra de verão 2010/11



Mais tempo aberto para a produtividade.



Ranman: produto registrado sob marca

- Fungicida sistêmico eficiente até em períodos chuvosos
- Age por dentro e por fora de maneira uniforme
- O parceiro perfeito quando aplicado com Ranman
- Eficaz no controle da requeima

SE O TEMPO VAI FECHAR, VÁ DE GALBEN M.



ATENÇÃO



Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Uso exclusivamente agrícola.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.

fmcagricola.com.br



Fazendo Mais pelo Campo

“PRODUÇÃO INTEGRADA PODE REDUZIR OS CUSTOS E AMPLIAR A LUCRATIVIDADE FRENTE AO SISTEMA CONVENCIONAL”



Com o apoio da Epagri (Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina), a Equipe Custos da Hortifruti Brasil/Cepea conseguiu apurar o custo da região de Caçador (SC), apresentado nesta edição. O estudo também contou com o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC). Neste Fórum, os pesquisadores da Epagri fazem suas considerações a respeito da sustentabilidade econômica dos produtores de tomate da região.

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI/SC)

Equipe de pesquisadores na área de olericultura da Epagri/Estação Experimental de Caçador (SC). Da direita para a esquerda: Walter Ferreira Becker, doutor em Fitopatologia; Siegfried Mueller, doutor em Fitotecnia; Anderson Luiz Feltrim, mestre em Produção Vegetal; Janice Valmorbida, doutora em Agronomia; Atsuo Suzuki (em pé), mestre em Solos e Nutrição de Plantas.

Hortifruti Brasil: Na safra anterior (2010/11), mesmo com bons preços, a margem de lucro por caixa de tomate apurada pela Hortifruti Brasil foi de apenas 4,2% na pequena escala, enquanto o grande produtor teve margem melhor, de 27%. Como está o nível de capitalização do pequeno produtor de tomate em Caçador (SC)?

Epagri/SC: Acreditamos que alguns pontos favorecem o pequeno produtor de tomate a se manter na atividade. Um dos principais é a diversificação da produção, o que garante que, em anos ruins com a tomaticultura, ele sobreviva com a renda de outras atividades. O menor gasto com mão de obra para o pequeno, que é um dos componentes de maior peso no custo, também minimiza os gastos com salários, já que o pequeno produtor dispõe da família para ajudar na atividade. O fato desse produtor também não ter um controle eficiente dos seus custos de produção, não incorporando na sua análise de lucratividade os custos fixos, também auxilia a mascarar anos de baixo desempenho econômico da atividade, que faz com que ele continue plantando tomate.

HF Brasil: Observamos em nosso estudo que o grande produtor obtém produtividade maior que o pequeno, mas, ainda assim, ele também tem enfrentado dificuldades na produção do tomate. Como está a sustentabilidade econômica do grande produtor na região?

Epagri/SC: O grande proprietário consegue rotacionar mais as áreas de plantio do tomate, enquanto o pequeno acaba cultivando na mesma área, assim fica mais suscetível a doenças de solo, que comprometem a produtividade. Outro fator que favorece o grande é dispor de um número maior de funcionários, o que facilita a distribuição das atividades de manejo da cultura em relação ao pequeno produtor. Outro ponto favorável é que os grandes produtores têm um canal de comercialização mais seguro, garantindo o escoamento

da sua produção mesmo em anos ruins. Já os pequenos são dependentes dos atravessadores para comercializar sua safra, o que reduz muito o seu poder de barganha, especialmente em anos de oferta elevada.

HF Brasil: Os resultados obtidos pela equipe Hortifruti/Cepea sobre o custo de produção do pequeno e do grande produtor em Caçador para a temporada 2010/11 correspondem à realidade que os senhores conhecem da região?

Epagri/SC: O estudo dá uma visão da realidade da região, mas precisa ser ampliado para mais anos e para um grupo maior de produtores, que deverão ser validados in loco. Os produtores tradicionais, grandes ou pequenos, tendem a se manter na atividade mesmo em anos ruins. O pequeno proprietário diminui a área de plantio na safra seguinte a anos de baixa rentabilidade, devido à descapitalização sofrida, postura distinta da dos “aventureiros”, que aproveitam os anos bons, mas não permanecem na cultura após anos ruins.

HF Brasil: Há mais algum aspecto que deseja abordar sobre a produção de tomate em Caçador?

Epagri/SC: Novas tecnologias de produção deverão ser incorporadas ao processo produtivo do tomate na região e devem garantir mais sustentabilidade ao produtor. A experiência do Sistema de Produção Integrada de Tomate de mesa (SISPIT) tem comprovado a diminuição dos custos e proporcionado melhor rentabilidade do que a obtida com a produção convencional de tomate. Esse novo sistema pode ampliar a demanda pelo consumidor, já que oferece um produto mais seguro ao mesmo tempo em que contém um melhor apelo ambiental, por conta das boas práticas de produção. Falta uma política agrícola que permita aos pequenos e grandes proprietários maior confiança quanto à determinação das áreas de plantio e dos investimentos.

“NÃO PODEMOS NOS ESQUECER DAS REGRAS BÁSICAS DA AGRONOMIA”



André Hokari é engenheiro agrônomo, formado pela Universidade Federal de Lavras (UFLA), de Minas Gerais. É responsável pelo setor de produção, de compras de insumos e de rastreabilidade da empresa Tomates Mallmann.

ENTREVISTA: André Hokari

Hortifruti Brasil: Em comparação com a região de Caçador (SC), tanto a pequena escala de produção quanto a grande tiveram os custos por hectare inferiores aos de Mogi Guaçu (SP). A que se atribui tal resultado?

André Hokari: Os custos se diferem devido às condições climáticas de cada região. Em Mogi Guaçu, planta-se no final do verão e no outono e a colheita estende-se durante todo o inverno, o que prolonga o ciclo da cultura e eleva o custo com insumos. O cultivo de outras hortaliças durante todo o ano aumenta a presença de pragas na cultura do tomate, aumentando os gastos com inseticidas. Já em Caçador, o plantio inicia-se no final da primavera e início do verão, quando normalmente as chuvas são menos intensas na região, requerendo menos insumos para o controle de doenças. No Sul, o frio rigoroso após o término da safra faz a população de pragas reduzir drasticamente, baixando a incidência na temporada seguinte.

HF Brasil: Há como reduzir os gastos com insumos (fertilizantes e defensivos)? O que deve ser feito? Um melhor manejo diminuiria os dispêndios?

Hokari: Nem sempre o produtor vai conseguir reduzir os gastos com insumos, dependerá muito das condições cli-

máticas e da região onde vai ser implantada a lavoura. O que o produtor precisa buscar é uma maior eficiência na utilização dos insumos através de um planejamento nutricional adequado (análises de solos para a correta calagem e adubação) e uso racional da aplicação dos defensivos, baseando-se no levantamento da população de pragas (Manejo Ecológico de Pragas) e na prevenção de doenças de acordo com a previsão climática. A compra dos insumos na melhor condição comercial oferecida pelo mercado também pode ajudar a reduzir os custos com insumos.

HF Brasil: O senhor acredita que faltam pesquisas para melhorar o desempenho da cultura em Mogi Guaçu ou apenas realizar manejo obedecendo às regras básicas da agronomia já seria suficiente elevar a eficiência técnica na cultura?

Hokari: Há pesquisas técnico-comerciais por parte das empresas de sementes, fertilizantes e defensivos que buscam posicionar seus produtos para uma melhor performance e, assim, aumentar a relação custo-benefício ao produtor. Mas, para que a aplicação das pesquisas repercuta em bons resultados no campo, não podemos nos esquecer das regras básicas da agronomia.



MAIS PROTEÇÃO PARA SUA CULTURA!

- ✔ Proteção através da nutrição;
- ✔ Ativa de maneira natural o mecanismo de defesa das plantas;
- ✔ Atua na matéria orgânica e promove o equilíbrio do meio naturalmente.

Altech[®]
CROP SCIENCE 
WWW.ALLTECHCROPSCIENCE.COM.BR

IMPROCROP[®]

CUSTO DE PRODUÇÃO EM MOGI GUAÇU (SP): PROPRIEDADE DE MÉDIA ESCALA

Pelo quarto ano consecutivo, a equipe Tomate/Cepea se reúne com produtores e técnicos da região de Mogi Guaçu para apurar os custos de produção de tomate de mesa na safra de inverno de 2011. Esse encontro ocorreu no dia 17 de maio de 2012. A estrutura da propriedade típica da região se mantém praticamente igual à de 2010. O perfil mais comum continua sendo de 15 hectares, mas o calendário de colheita foi adiantando em um mês. Normalmente, a colheita começa em maio e termina em outubro, mas, em 2011, teve início em abril, mês em que foi colhida cerca de 4% da área cultivada na região. Com o clima mais seco na época do plantio, os produtores decidiram adiantar um pouco as atividades na intenção de escalonar a oferta.

Embora boa parte da produção esteja em terras próprias, o cultivo em arrendamento continua representando pelo menos metade da área cultivada. O valor pago pela terra se manteve praticamente estável em comparação com 2010, a R\$ 1.528,92 por hectare em 2011.

O custo de implantação da estrutura teve um ligeiro

reajuste de 3,4% de 2010 para 2011, indo para R\$ 6.205,17 por hectare – vida útil de três safras ou três anos (no caso de uma safra por ano).

A infraestrutura manteve-se igual à do ano anterior, sendo composta por um barracão (desmontável) com vida útil de três anos, a um custo de aquisição de R\$ 8.000,00, com taxa anual de 10% de manutenção e 20% de valor residual. O custo do refeitório (desmontável) foi de R\$ 4.000,00, com dois anos de vida útil, taxa de manutenção e valor residual de 25% e 10% ao ano, respectivamente. Há também dois banheiros no valor de R\$ 1.000,00 cada um, com vida útil de aproximadamente dois anos, sem valor residual.

Para a colheita, foram necessárias 2.000 caixas – assim como em 2010 –, para uma fazenda de 15 hectares. O custo unitário da caixa se manteve em R\$ 11,00, com taxa média de reposição passando de 18% para 25%.

O sistema de irrigação mais comum na região passou a ser por motor elétrico, e não mais a diesel. Quanto ao inventário de máquinas e implementos, alguns itens foram alterados e estão descrito a seguir.

PERFIL DA PROPRIEDADE TÍPICA DE MOGI GUAÇU - SAFRA 2011

Área	15 hectares
Densidade	11 mil pés por hectare
Produtividade em 2011	4.000 caixas por hectare
Obtenção da terra	Arrendamento
Estrutura básica (desmontável)	2 banheiros, 1 refeitório e 1 barracão para seleção de tomates
Estrutura para o estaqueamento	Estruturas de mourão, bambu, arame e fitilho
Sistema de Irrigação	Sulco

Descrição das máquinas, implementos e ferramentas*

- 3 tratores com as respectivas potências: 65, 75 e 100 cv
- 1 arado de 3 discos e 28 polegadas
- 1 grade aradora de 16 discos de 28 polegadas
- 1 distribuidor de calcário de cinco toneladas
- 1 subsolador de 5 hastes
- 1 grade niveladora de 32 discos
- 1 sulcador de duas linhas
- 1 plaina
- 1 pulverizador de 2 mil litros
- 2 carretas de 5 toneladas cada
- 1 tanque de 2 mil litros
- 2 mil metros de mangueira
- 1 veículo utilitário
- 1 ônibus
- estrutura de irrigação (motobomba + canos)
- 9 pulverizadores costais
- 30 enxadas
- 12 cavadeiras

*Alocados exclusivamente para a cultura do tomate

CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE TOMATE NA REGIÃO DE MOGI GUAÇU (SP) SAFRAS DE INVERNO 2010 E 2011

Itens	2010		2011		Var% (ha) (2011 sobre 2010)
	(R\$/ha)	(R\$/pé)	(R\$/ha)	(R\$/pé)	
(A) Insumos	R\$ 17.782,42	R\$ 1,62	R\$ 19.228,03	R\$ 1,75	8,13%
Fertilizante/Corretivo	R\$ 8.506,10	R\$ 0,77	R\$ 9.996,60	R\$ 0,91	17,52%
Adubação Foliar	R\$ 1.056,27	R\$ 0,10	R\$ 1.169,98	R\$ 0,11	10,77%
Fungicida/Bactericida	R\$ 3.410,78	R\$ 0,31	R\$ 3.413,34	R\$ 0,31	0,08%
Inseticida	R\$ 4.242,51	R\$ 0,39	R\$ 3.794,52	R\$ 0,34	-10,56%
Herbicida	R\$ 117,53	R\$ 0,01	R\$ 169,82	R\$ 0,02	44,49%
Adjuvante/Outros	R\$ 449,23	R\$ 0,04	R\$ 683,78	R\$ 0,06	52,21%
(B) Semente	R\$ 3.456,42	R\$ 0,31	R\$ 3.456,42	R\$ 0,31	0,00%
(C) Viverista	R\$ 400,00	R\$ 0,04	R\$ 400,00	R\$ 0,04	0,00%
(D) Replântio	R\$ 385,64	R\$ 0,04	R\$ 385,64	R\$ 0,04	0,00%
(E) Infraestrutura (reposição/manutenção)	R\$ 1.928,48	R\$ 0,18	R\$ 1.930,85	R\$ 0,18	0,12%
(F) Ferramentas de campo	R\$ 93,00	R\$ 0,01	R\$ 64,80	R\$ 0,01	-30,32%
(G) Operações Mecânicas	R\$ 2.462,93	R\$ 0,22	R\$ 2.482,95	R\$ 0,23	0,81%
(H) Irrigação	R\$ 2.579,62	R\$ 0,23	R\$ 2.066,67	R\$ 0,19	-19,88%
(I) Mão de obra	R\$ 11.918,26	R\$ 1,08	R\$ 13.149,77	R\$ 1,20	10,33%
Meeiros (temporários)	R\$ 8.517,91	R\$ 0,77	R\$ 9.749,42	R\$ 0,89	14,46%
Diaristas	R\$ 1.847,28	R\$ 0,17	R\$ 1.847,28	R\$ 0,17	0,00%
Permanentes	R\$ 1.553,07	R\$ 0,14	R\$ 1.553,07	R\$ 0,14	0,00%
(J) Despesa com utilitários	R\$ 419,33	R\$ 0,04	R\$ 472,53	R\$ 0,04	12,69%
(K) Despesas gerais	R\$ 5.727,33	R\$ 0,52	R\$ 5.626,67	R\$ 0,51	-1,76%
(L) Impostos	R\$ 1.882,86	R\$ 0,17	R\$ 2.298,38	R\$ 0,21	22,07%
(M) Arrendamento da Terra	R\$ 1.500,00	R\$ 0,14	R\$ 1.598,22	R\$ 0,15	6,55%
(N) Financiamento do Capital de Giro	R\$ 3.491,98	R\$ 0,32	R\$ 2.366,30	R\$ 0,22	-32,24%
Custo Operacional (A+ B+...+N)	R\$ 54.028,27	R\$ 4,91	R\$ 55.527,23	R\$ 5,05	2,77%
(O) CARP	R\$ 5.822,05	R\$ 0,53	R\$ 6.162,97	R\$ 0,56	-3,22%
Implantação	R\$ 2.210,39	R\$ 0,20	R\$ 2.281,96	R\$ 0,21	-1,40%
Máquinas	R\$ 1.603,22	R\$ 0,15	R\$ 1.603,22	R\$ 0,15	-11,50%
Utilitários	R\$ 545,09	R\$ 0,05	R\$ 589,98	R\$ 0,05	-4,21%
Implementos	R\$ 601,51	R\$ 0,05	R\$ 697,72	R\$ 0,06	2,11%
Equipamentos (Irrigação)	R\$ 513,03	R\$ 0,05	R\$ 641,28	R\$ 0,06	10,62%
Benfeitorias	R\$ 348,81	R\$ 0,03	R\$ 348,81	R\$ 0,03	-3,98%
CUSTO TOTAL (A+ B+...+O)	R\$ 59.830,32	R\$ 5,44	R\$ 61.690,20	R\$ 5,61	2,14%
Custo Total 2010 (4.000 cxs/ha) - R\$ 14,96/cx de 23 kg					
Custo Total 2011 (4.000 cxs/ha) - R\$ 15,30/cx de 23 kg					

MÃO DE OBRA TAMBÉM ENCARECE A PRODUÇÃO DA PROPRIEDADE DE MÉDIA ESCALA EM MOGI GUAÇU (SP)

Em 2011, o custo total de produção por hectare esteve 2,14% maior que no ano anterior. Apesar de alguns dos componentes terem ficado mais baratos, como os inseticidas, outros apresentaram alta, como a mão de obra e os fertilizantes. A correção da taxa de juros do Custo Anual de Recuperação do Patrimônio (CARP), que passou de 6% para 3,5%, é um fator que atenuou a tendência de aumento dos custos. A taxa de 3,5% reflete a taxa real de juros da poupança, já descontada a inflação.

A produtividade tem sido elevada na região, aproximando-se da potencial, com 4.000 caixas na safra de inverno. Esse resultado se deve ao clima mais seco durante o plantio, desenvolvimento e colheita nos últimos dois anos. Vale lembrar que, como a cultura é irrigada, a falta de chuvas não afeta o desenvolvimento da planta.

Entre os fatores que mais pesaram para a elevação dos custos, o destaque é a mão de obra. O aumento do salário mínimo e a menor disponibilidade de trabalhadores para a agricultura na região (competição com a construção civil) foram os responsáveis pelo aumento. O reajuste ocorreu principalmente para a mão de obra temporária, contratada para o período da produção, como é caso dos meeiros. Ainda chamados dessa forma, os meeiros são atualmente funcionários

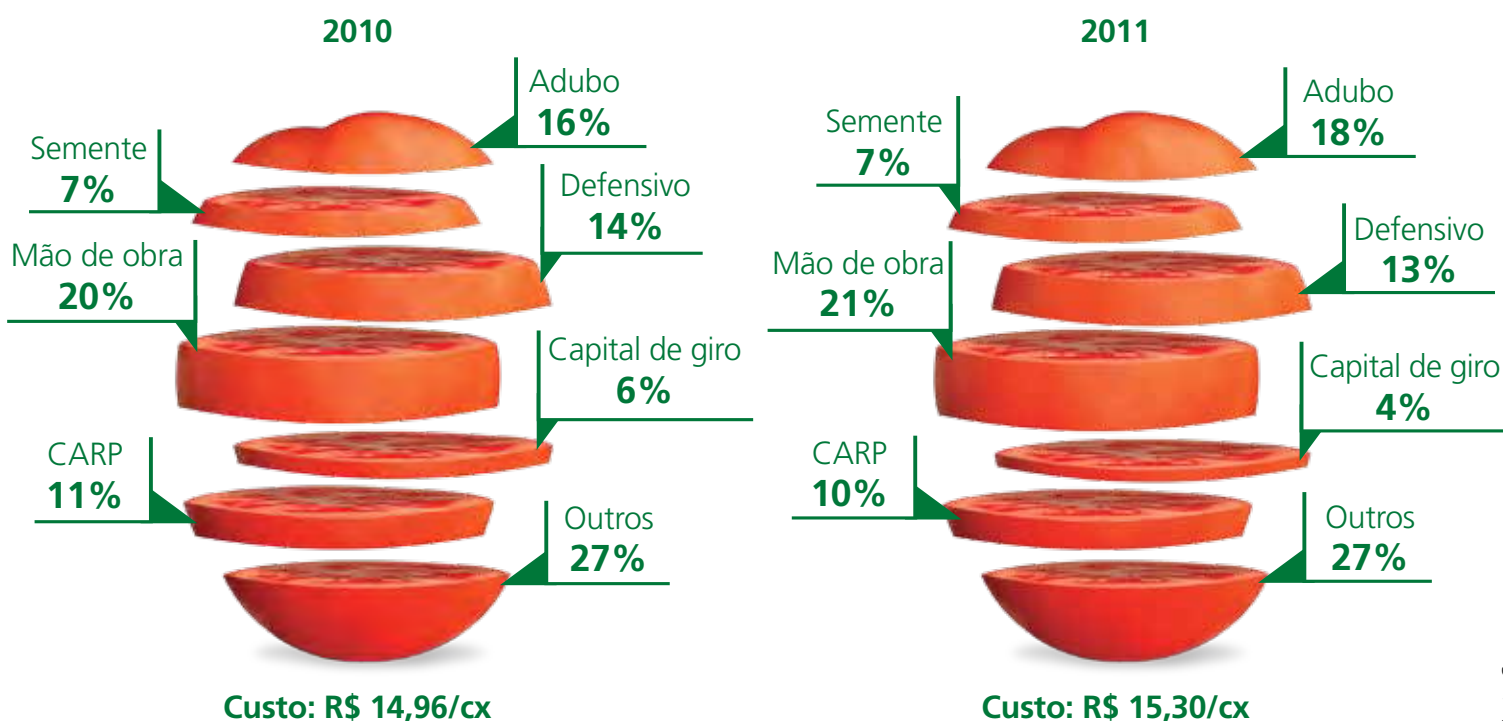
contratados no período de produção e que recebem ainda participação na venda do tomate. Neste estudo, no entanto, não foi considerada a gratificação, somente o salário. O adicional na região normalmente é de 3% sobre a receita líquida de venda da produção ou de 1% sobre a receita bruta, dependendo do acordo do produtor com esses funcionários. No caso dos diaristas e dos funcionários fixos, o dispêndio se manteve estável em comparação 2010.

Os gastos com irrigação, por sua vez, apresentaram queda de quase 20%, devido à troca da bomba a diesel por bomba elétrica. Além do custo com a energia elétrica ser menor, a manutenção também é menos onerosa.

O gasto com taxas e impostos se refere ao Funrural, que é a contribuição que incide sobre a venda da produção. No caso da região de Mogi Guaçu, é o produtor quem paga essa contribuição e, portanto, do preço recebido pelo tomate, ainda devem ser descontados 2,3%. Como em 2011 os preços de venda foram maiores que em 2010, houve uma alta de 22% nos gastos com esse tributo.

Os juros, por outro lado, ficaram 32% mais baratos. Um dos principais motivos é que o governo aumentou o limite do valor de custeio. Assim, os produtores adquiriram adubos a um custo menor de financiamento do que a juros de revenda. ■

Distribuição dos principais itens que compõem o Custo Total de Produção (%) de Mogi Guaçu (SP) - safras de inverno 2010 e 2011



ACABA DE NASCER O BRASILEIRO QUE VAI TRAZER
MUITO ORGULHO AO CAMPO. ASSIM COMO VOCÊ.

Natália

O TOMATE COM DNA BRASILEIRO

O tomate Natália é uma inovação da Sakata, desenvolvido no Brasil especificamente para as nossas condições.

Isso quer dizer que se adapta a diversos climas e regiões e pode ser plantado o ano todo.*

Para conseguir tal inovação, a Sakata dedicou anos de estudos e pesquisas para criar um fruto mais forte, resistente e de alta produtividade. Afinal, ele tem DNA brasileiro.

* Para mais informações consulte a Sakata.



EXCELENTE
DESEMPENHO
EM PERÍODOS
CHUVOSOS



RESISTENTE A
NEMATOIDE E
BACTERIOSE



EXCELENTE
PEGAMENTO E
QUALIDADE
DOS FRUTOS

www.sakata.com.br
A sua janela para o campo



SAKATA